



FUGAS | Público N.º 12.775 | Sábado 26 Abril 2025

Red Frog Dez anos a fazer saltar cocktails para o mundo

Acores

A sidra da Terceira
é mesmo Bananika

Lisboa

Tanka Sapkota medita
entre pizzas, pasta e trufas

Porto

No Yeatman, Ricardo Costa
arrisca na nova carta



Açores

Do hotel Senhora da Rosa à Casa do Barão, a regra está na familiaridade

Na Fajã de Baixo, sorri a Senhora da Rosa. Cá, encontra-se a história de uma família cosida ao dia-a-dia de um hotel. O resultado é uma mão cheia de familiaridade e a abertura de um novo espaço. *Ana Margarida Alves*

● Uma das primeiras coisas que nos dizem quando chegamos à Ilha de São Miguel, Açores, é que no mesmo dia, ou até na mesma hora, são sentidas as quatro estações. Mas não é só isto que nos fica no ouvido nem na mente. Mesmo que seja um dia com um sol mais tímido, em diversos pontos da ilha, vê-se o mar a espreitar e a seguir-nos o olhar. Esta exacta proximidade faria qualquer um desejar por uma estadia com vistas litorais. No entanto, um dos encantos passa também pelo contacto com a natureza e com tradições que contam as histórias de quem por aqui vive e viveu. Para satisfazer estes mesmos requisitos, bem no centro da ilha, nasceu o Hotel Senhora da Rosa, uma quinta (e hotel) “perfeito” para quem procura “um refúgio” e “um ambiente acolhedor que os faz sentir em casa”, define Joana Damião, directora do hotel.

A Senhora da Rosa “não é novidade”, mas continua a ser um espaço recente. Completa este mês o quarto aniversário e, apesar de se contar pelos dedos há quanto tempo está aberta, já se fazem planos para expandir. Quem por aqui passa e fica, consegue avistar, a partir da entrada principal, um muro mesmo do outro lado da rua, que é interrompido por um grande portão verde. São as falhas de tinta e o ranger envelhecido que faz que nos dizem que o que quer que esteja do lado de lá já tem mais anos do que o leitor.

O caminho que nos apanha logo que pomos o primeiro pé no interior da propriedade encaminha-nos para um horizonte digno de vários hecta-

res de terreno e, à semelhança do que acontece em toda a ilha, também aqui não falta o toque da natureza. A vista “lindíssima” não deixa ofuscar a velha casa senhorial que se soma ao recinto. Esta é a Casa do Barão: um hotel (que ainda não foi transformado em tal) que deverá abrir em 2027 e que funcionará como um “complemento à Senhora da Rosa”.

Outrora, a casa foi usada para “férias pelo Barão da Fonte Bela” e acabou “retocada pelo arquitecto Raul Lino”, conta Joana Damião. Embora não seja habitado há mais de 15 anos e já evidencie sinais claros do tempo, o espaço vai ser completamente reaproveitado, requalificado e decorado num estilo “colonial”. Aqui, o leitor poderá explorar o *spa* e nadar na piscina exterior, enquanto fica alojado num dos dez quartos disponíveis ou até mesmo se decidir alugar o edifício por completo. É desta forma que a Casa do Barão quer proporcionar “uma experiência mais familiar” a todos o que escolham fazer casa do hotel (mesmo que seja só por umas noites).

De volta à Senhora da Rosa

Até lá, esperamos. E enquanto isso, recuamos, deixamos para trás o portão verde, voltamos à estrada e, em poucos passos, entramos novamente na Senhora da Rosa. As boas-vindas são dadas com a chave do quarto que vem ancorada a uma pequena pedra – pintada com um algarismo que dita onde vamos pernoitar. O longo corredor dirige-nos até um dos 33 quar-

tos, que estão especialmente voltados para o espaço exterior da quinta. Das varandas que os compõem, vê-se a piscina, o *spa* Musgo ou uma das estufas, tendo sempre como fundo os cânticos dos pássaros e o murmuro das árvores.

E desengane-se o leitor que pensar que a natureza fica apenas do lado de fora, pois esta prolonga-se para o interior de cada quarto. Tal como se poderia imaginar, os pormenores decorativos, desde os chãos de madeira e as plantas às mantas, almofadas, tapetes e cadeiras – pintados em diferentes tons de verde – ajudam a promover uma simbiose entre os hóspedes e o ambiente natural. Além disso, os quartos do edifício principal têm todos a parede da cabeceira da cama preenchida por uma fotografia da ilha, captadas por João Moniz, Paulo Goulart e por Miguel Damião (um dos proprietários e irmão de Joana).

Quem procura uma experiência ainda mais imersiva, pode optar por uma das duas pequenas casinhas, os cafuões, especialmente centrados no coração da vegetação. Estes, revestidos de madeira, estão bem embrenhados na floresta e, por sorte ou não, têm uma paisagem que nos transporta dos Açores para outro local tropical e paradisíaco, um sentimento que acaba por ser deveras intensificado quando optamos por utilizar a banheira ao ar livre.

A par do cenário, à nossa espera, no quarto, está ainda uma das frutas produzidas na quinta: um ananás. Além disso, a Senhora da Rosa deixa *amenities* originais – pequenos sabo-

netes sob a forma de champô seco, loção de corpo e sabão –, que são desenvolvidas por uma saboaria local com matérias-primas da ilha e sem recurso a plástico. Esta é uma das medidas que fazem com que o hotel seja “mais amigo do ambiente”. Além disso, a quinta produz 60% da energia a partir de painéis fotovoltaicos, reaproveita as águas pluviais para regar e utiliza zonas de compostagem e bombas de calor.

No quarto, encontramos inclusive uma folha (de papel e em formato de

uma folha) que nos incentiva a adotar comportamentos mais sustentáveis. “Opte por não mudar os lençóis da cama e as tolhas todos os dias, reduzindo assim o consumo de água”, lê-se.

De uma para outras famílias

Quando nos afastamos do quarto, aproximamo-nos ainda mais das tradições e da história da família de Joana Damião, mas também de alguns costumes da ilha. Isto é visível desde





FOTOS: DR



Hotel Senhora da Rosa

**Rua da Senhora da Rosa, 3
Ponta Delgada
São Miguel, Açores
Tel.: 296 100 900
E-mail: geral@senhoradarosa.com
www.senhoradarosa.com
Preços: a partir dos 170€/noite,
um quarto duplo com
pequeno-almoço incluído**

cores, o chilrear das aves, o murmúrio da lagoa e o silêncio da natureza fazem lembrar um cenário saído de um filme (talvez *Parque Jurássico*?).

Noutro ponto da ilha, encontramos The Library Gin (a biblioteca de gin): um espaço que tem não só a maior colecção desta bebida, como também um gin feito nos Açores. De forma especial, cada bebida ou garrafa comprada reverte para a Fundação Ocean Azores, que tem como missão proteger os cetáceos que vivem à volta do arquipélago. Nesta biblioteca, somos instigados a provar um ou dois gins pensados e criados neste espaço.

Já no centro histórico de Ponta Delgada, não podemos deixar de passar pelas Portas da Cidade, de entrar na Igreja Matriz, de explorar o Museu Carlos Machado e de almoçar no Ají by Otaka. Tudo isto e, da lista, ainda ficou por observar as baleias e os golfinhos, explorar as Furnas, visitar o Mercado da Graça, o Parque Terra Nostra ou até a Poça da Dona Beija.

Ilha no dia-a-dia do hotel

De volta à Senhora da Rosa, o hotel também nos deixa contactar com os costumes da ilha. Conta-se por aqui que, depois de um fungo ter limitado a produção da laranja em São Miguel, a população começou a dedicar-se ao chá e ao tabaco e, posteriormente, ao ananás. Em honra do chá, há todos os

dias, das 15h30 às 17h30, o *tea time* (hora do chá), no bar da Senhora da Rosa. Nestas duas horas, somos convidados “a desfrutar de um lanche muito especial”, repleto de queijos regionais, scones, tostas, *foccacia*, de bolos e dos tão famosos rolinhos de canela (*cinnamon rolls*). Apesar da diversidade, os chás e as infusões são os protagonistas.

A par do chá, também encontramos uma plantação de ananases. E, entre os frutos, deparamo-nos com uma surpresa: uma piscina. O leitor imagine-se só numa pequena piscina de água quente bem no exterior do hotel, submerso no vapor, protegido por uma estufa e, enquanto, ouve a chuva cair, vê crescer ananases. Nunca se viu noutra, é certo. E, se primeiro estranha, depois entranha e, por fim, aprende a gostar. Depois de mergulhar nesta água, poderá ter uma certeza: rapidamente, vai perceber porque é que outros sítios da ilha decidiram criar também as suas piscinas rodeadas de ananases.

Se o dia for convidativo, a piscina exterior está também disponível. No entanto, se o sol estiver mais fugidio, o ideal é refugiarmo-nos no *spa* Musgo, onde nos espera uma massagem com canas de bambu, ou até experimentar uma aula de pilates – que é apreciada não só por hóspedes, mas também por locais.

Chega a hora de jantar e a escolha é o *Mirante*, o segundo restaurante do hotel e que, tal como o nome indica, deixa-nos contemplar toda a quinta num ponto mais elevado, enquanto o *chef* Pedro Rosa nos faz experimentar um “conceito mais tradicional de *sushi*”, que incorpora, por um lado, a sua paixão pelo Japão e pela sua cultura e, por outro, o seu amor pelos Açores. E, apesar de o *sushi* ser a perdição, o bolo de chocolate é uma das sobremesas mais apreciadas do hotel e não deve deixar escapar.

Antes das despedidas há um postal, um marcador de livros, um sabonete ou até uma peça de cerâmica para levar. A loja do hotel deixa claro que não podemos abandonar São Miguel sem uma recordação e, ao mesmo tempo, sem apoiarmos os artistas locais. Da loja, aos quartos, dos restaurantes ao spa, o objectivo passa sempre por nos fazer sentir em casa, seja com um bilhete de boa noite ou até com uma manta mais aconchegante, antes de nos deitarmos. Este cuidado transfere-se para as refeições que são prontamente pensadas em função dos queres (e necessidades) de cada um. E, se a grande surpresa se pode centrar na piscina dos ananases, a verdade é que a familiaridade não deixa nada a desejar.

**A Fugas esteve alojada
a convite do Senhora da Rosa,
Tradition & Nature Hotel**

logo na decoração: no primeiro andar, vemos diversos tecidos e peças de roupa que correram as gerações da família, como também uma grande vitrina, com sapatos, chapéus, maquilhagem, bonecos de crianças, guarda-jóias e com muitas outras recordações, que pertenceram às diferentes gerações.

O mesmo acontece com a zona do bar e no restaurante *Magma*. Mas, nestes casos, apreciamos peças relacionadas com o dia-a-dia da cozinha, tabuleiros, loiças, garrações de vidro, latas de chá, recipientes das especiarias Saldanha, do azeite português puro ou até mesmo dos rebuçados de fruta.

Não se deixe enganar se pensar que só os toques decorativos remetem para as raízes da família. No *Magma*, pudemos também aprender a fazer e apreciar iguarias tradicionais que eram feitas exclusivamente pela avó materna de Joana, como os chicharos casados, as assaduras de porco e o recheio de pão, cujas receitas foram passadas de filhas para filhas e de noras para noras e que acabaram por ser ensinadas aos chefes do hotel.

A história é contada por Joana. Este hotel fora outrora uma estalagem, aberta nos anos 1990, pelos pais.

Havia um restaurante, recebia hóspedes e era Joana, com os seus 16 anos, que ficava muitas vezes na recepção. Acabou por fechar e, durante anos, a quinta ficou vazia, inabitada e longe de olhares e visitas. Só quando Joana se especializou em hotelaria, passou por diferentes hotéis bem longe de São Miguel e voltou à ilha, é que foi levada a abrir a Senhora da Rosa, em 2021. É assim que, embora complete o seu quarto aniversário, a quinta conte com mais de 200 anos de história.

É tempo de conhecer São Miguel. A ilha convida-nos para um passeio de jipe até ao Miradouro da Vista do Rei e dá-nos o prazer de avistar a Lagoa das Sete Cidades. Para aqui se chegar, o caminho é irregular, mas as montanhas, as lagoas, os pastos e as vacas (que os anúncios dizem ser felizes) distraem-nos do terreno ligeiramente acidentado. Além do olhar do rei, conseguimos também visitar o Miradouro da Vista da Rainha, que nos dá uma perspectiva contrária.

Ver a freguesia das Sete Cidades de perto, depois de a ver de lá de cima enquanto avistávamos a lagoa é uma experiência ainda mais singular. A cidade – situada na caldeira do vulcão, na margem oriental da lagoa – parece quase que imaginária: o barulho, as